79ª Semana
Paulo Setúbal
(1943-2021)

Publicação especial Novembro de 2021

CENTENÁRIO DE PUBLICAÇÃO DO LIVRO DE POESIAS "ALMA CABOCLA", DE PAULO SETÚBAL

19° PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL
CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS
(ABRANGÊNCIA NACIONAL)

19° CONCURSO PAULO SETÚBAL
LITERATURA E ARTES VISUAIS
(ABRANGÊNCIA MUNICIPAL)

PREFEITURA DE TATUÍ
PELO TRABALHO VENCEREMOS

Secretaria de
ESPORTE, CULTURA, TURISMO
LAZER E JUVENTUDE

MUSEU PAULO SETÚBAL

TATUÍ
MUNICÍPIO DE INTERESSE TURÍSTICO

Paulo Setúbal

O Progresso
O Jornal da Cidade Ternura

19º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL - CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS (Abrangência nacional)

CATEGORIA CONTO

1º lugar - Edmir Vieira Camargo
Obra: "Verde"
Santo André (SP)
2º lugar - Lara Nascimento Dias de Souza
Obra: "Genesis"
Fortaleza (Ceará)
3º lugar - Lucêmio Lopes da Anunciação
Obra: "Ação de Despejo"
Canela (RS)
* Prêmio Galardão - Maria Cristina Siqueira
Obra: "A Mulher que Fazia Chover"
Tatuí (SP)
Menção honrosa - Jonatan Magella da Silva
Obra: "Dente por Dente"
Nova Iguaçu (RJ)
Menção honrosa - Rafael Duarte Caputo
Obra: "A Vida é Trem – Bala, Parceiro"
Curitiba (PR)
Menção honrosa - Luiz Eduardo de Carvalho
Obra: "Uma Outra Ópera para Mimi"
São Paulo (SP)
Menção honrosa - Sara Maria Binatti dos Anjos
Obra: "Ela e eles"
Porto Alegre (RS)
Menção honrosa - Fernando Luiz de Barros Bueno
Obra: "O Escrevedor Compulsivo"
Belo Horizonte (MG)
Menção honrosa - Sammis Reachers Cristence Silva
Obra: "A Ilha"
São Gonçalo (RJ)
Menção honrosa - Gabriel Fernandino
Obra: "Alçapão de Sardinha"
Barbacena (MG)
Menção honrosa - Paulo Roberto de Oliveira Caruso
Obra: "De Volta para o Passado"
Niterói (RJ)

CATEGORIA CRÔNICA

1º lugar - Jacob Blumen Goldemberg
Obra: "Sob o Sol da Toscana"
Rio de Janeiro (RJ)
2º lugar - Livergídia de Souza Silva
Obra: "O Acidente"
Cambuí (MG)
3º lugar - Ozeni Pereira Lima
Obra: "De Médico e Louco, Todo Mundo tem um Pouco"
Santos (SP)
* Prêmio Galardão - Odimar Justino Martins Proença
Obra: "L'etat c'est moi"
Tatuí (SP)
Menção honrosa - Viviane Ferreira Santiago
Obra: "Crônica sem Título"
Ferraz de Vasconcelos (SP)
Menção honrosa - João Luiz Guimarães Lima de Souza
Obra: "Novo Textamento"
São Paulo (SP)
Menção honrosa - Ronaldo Dória dos Santos Júnior
Obra: "Quem Diabos é Mello"
Rio de Janeiro (RJ)
Menção honrosa - Francisco Alonso Almeida
Obra: "Exportação de Pobres... É a Solução?"
Niterói (RJ)
Menção Honrosa - Luís Augusto Servo
Obra: "(Des)Conhecidos"
Uberaba (MG)
Menção honrosa - Jeyce Valente
Obra: "Frango"
São Paulo (SP)
Menção honrosa - Eliane Maria Vani Ortega
Obra: "A Falência do Inferno"
Regente Feijó (SP)
Menção honrosa - Zainne Lima Matos
Obra: "Carta ao meu Filho"
Taboão da Serra (SP)
Menção honrosa - Lally Monteiro Reis
Obra: "Miséria VIP"
São Gonçalo (RJ)
Menção honrosa - Adeilton Lima da Silva
Obra: "Crônica de Carnaval"
Brasília (DF)
Menção honrosa - Priscila De Bom
Obra: "Vida Remota"
Poços de Caldas (MG)
Menção honrosa - Natália Lourenço Ribeiro Medeiros de Santana
Obra: "Crônica do Fim do Mundo – Uma Elegia à Liberdade"
São Paulo (SP)
Menção honrosa - Camilo de Lelis Furlin
Obra: "Guaíba"
Porto Alegre (RS)

CATEGORIA POESIA

1º lugar - Luiz Henrique Aguiar
Obra: "Ralo Abaixo"
Magé (RJ)
2º lugar - Luiz Eduardo de Carvalho
Obra: "Versos para a Menina"
São Paulo (SP)
3º lugar - Ana Luiza de Figueiredo Souza
Obra: "Noticiário das 19h"
Niterói (RJ)
* Prêmio Galardão - Tiago Gonçalves Camargo
Obra: "Uma Opereta: Brasil"
Tatuí (SP)
Menção honrosa - Lucas Biglia Gonçalves Ramos
Obra: "Suscetível"
Riversul (SP)
Menção honrosa - Aparecido José Galindo
Obra: "Espéculo"
Diadema (SP)
Menção honrosa - Solange Firmino de Souza
Obra: "Completude"
Rio de Janeiro (RJ)
Menção honrosa - José Carlos Barbosa de Aragão
Obra: "Manifesto"
Governador Valadares (MG)
Menção honrosa - Caio Barbosa de Sousa
Obra: "O Peso do Amor"
Sobral (Ceará)
Menção honrosa - Pedro Figueiredo Nobre Cortese
Obra: "1,2"
São Paulo (SP)

** Prêmio Galardão: destina-se única e exclusivamente a obra de autor (a) nascido (a) ou residente há mais de dois anos na cidade de Tatuí (SP).*

CONCURSO PAULO SETÚBAL - LITERATURA E ARTES VISUAIS

CATEGORIA - ENSINO FUNDAMENTAL (1˚ E 2˚ ANO) – ARTES VISUAIS

Menção honrosa: certificado para os alunos
Jhones Gabriel de Paulo Oliveira - Emef "Professor Acácio Vieira de Camargo"
Maya Bertucci Freire - Colégio Bem Me Quer
Lívia Machado C. Arruda - Emef "Professora Sara de Campos V. dos Santos"
Talles Leonel Paes - Emef "Professora Sara de Campos V. dos Santos"
Kamilly Vitória da Costa Silva - Emef "Professora Magali A. de Toledo"
Maria Alice Paulino Galera - Emef "Professora Maria Eli da Silva Camargo"
Luiz Miguel F. S. da Costa - Emef "Professora Maria da Conceição Oliveira Marcondes"
3˚ lugar: Nalu Pavanelli Silveira - medalha, certificado e premiação de R$ 300,00
Emef "Professora Terezinha Vieira C. Barros"
Diretora: Ana Paula Camargo Bonassoli
Professor contemplado pelo edital: Bruno L. de O. Pedroso
2˚ lugar: Clara Lis Prestes de Paula - medalha, certificado e premiação de R$ 400,00
Emef "Professor Firmo Antônio de Camargo Del Fiol"
Diretora: Gisele Aparecida Marques Quevedo
Professora contemplada pelo edital: Rosimeire de Oliveira Moraes
1˚ lugar: Alice Mendes Dias - medalha, certificado e premiação de R$ 600,00
Emef "Professor Firmo Antônio de Camargo Del Fiol"
Diretora: Gisele Aparecida Marques Quevedo
Professora contemplada pelo edital: Rosimeire de Oliveira Moraes

CATEGORIA - ENSINO FUNDAMENTAL (3º, 4º E 5º ANO) – ARTES VISUAIS

Menção honrosa: certificado para os alunos
Nicolas Grusner Valentim - Emef "Professor João Florêncio"
Maria Eduarda Ribeiro Silva de Oliveira - Emef "Professor João Florêncio"
Lorena Alves de Oliveira - Emef "Professor Acácio Vieira de Camargo"
Théo Pavanelli - Emef "Professora Terezinha Vieira C. Barros"
Jhessyca Oliveira de Paula - Emef "Professora Lígia Vieira de Camargo Del Fiol"
Rafaela Oliveira Bidim Lélis - Colégio Bem Me Quer
3˚ lugar: Paula Couto de Aquino - medalha, certificado e premiação de R$ 300,00
Colégio Bem Me Quer
Diretora: Maria Cristina Olivier Lima França
Professora contemplada pelo edital: Déborah de Almeida Proença
2˚ lugar: Rayanne Carollyne Gomes Dias - medalha, certificado e premiação de R$ 400,00
Emef "Maria Eli da Silva Camargo"
Diretora: Maria Aparecida de Almeida
Professora contemplada pelo edital: Ione Takenouchi Bieco
1˚ lugar: Pedro Henrique Freire Vieira - medalha, certificado e premiação de R$ 600,00
Emef "Professor Firmo Antônio de Camargo Del Fiol"
Diretora: Gisele Aparecida Marques Quevedo -
Professora contemplada pelo edital: Elis Regina Prestes Barbosa

CATEGORIA - ENSINO FUNDAMENTAL (6º E 7º ANO) – LITERATURA

2˚ lugar: Gleice Pakes Lopes - medalha, certificado e premiação de R$ 400,00
Obra: "Escritor Paulo Setúbal"
Emef "Professora Maria Helena Machado"
Diretora: Maria Heloisa Leite de Almeida Oliveira
Professor contemplado pelo edital: Marcos Paulo Cavalheiro Del Homo
1˚ lugar: Kayk Teixeira Martins - medalha, certificado e premiação de R$ 600,00
Obra: "Férias na Fazenda"
Emef "Professora Maria Helena Machado"
Diretora: Maria Heloisa Leite de Almeida Oliveira
Professor contemplado pelo edital: Marcos Paulo Cavalheiro Del Homo

CATEGORIA - ENSINO FUNDAMENTAL (8º E 9º ANO) – LITERATURA

Menção honrosa: certificado para os alunos
Priscila Rodrigues de Oliveira - Emef "Professora Maria Helena Machado"
Tatiane Galvão de Oliveira - Emef "Professora Maria Helena Machado"
Thalyta Fênix Oliveira de Souza - E. E. "Chico Pereira"
3˚ lugar: Luiza Valdrighi - medalha, certificado e premiação de R$ 300,00
Obra: "A Nossa Mata"
Colégio Anglo
Diretor: Luis Antônio Rossi
Professora contemplada pelo edital: Mariana Calviño
2˚ lugar: Maria Eduarda de Oliveira Obrelli - medalha, certificado e premiação de R$ 400,00
Obra: "Vida na Roça"
E. E. "Chico Pereira"
Diretor: Marco Antônio Vieira
Professora contemplada pelo edital: Tatiana Pereira Bezerra
1˚ lugar: Laura Valdrighi - medalha, certificado e premiação de R$ 600,00
Obra: "Um Lugar Distante a Esse"
Colégio Anglo
Diretor: Luis Antônio Rossi
Professora contemplada pelo edital: Mariana Calviño

CATEGORIA - ENSINO MÉDIO LITERATURA

Menção honrosa: certificado para os alunos
Bruno Ribeiro Teles – Fatec "Wilson R R de Camargo - extensão Etec "Sales Gomes"
Maria Eduarda Xavier Soares – Colégio Anglo
3˚ lugar: Jheneffer Nataly Oliveira de Paula - medalha, certificado e premiação de R$ 300,00
Obra: "Lembranças de uma Garota do Campo"
Fatec "Wilson R. R. de Camargo - extensão Etec "Sales Gomes"
Diretora: Rossana de Camargo Barros
Professora contemplada pelo edital: Renata de Fátima Nunes
2˚ lugar: Isabella Koyama – medalha, certificado e premiação de R$ 400,00
Obra: "Onde o Sol Repousa"
Colégio Anglo
Diretor – Luis Antônio Rossi
Professora contemplada pelo edital: Mariana Calviño
1˚ lugar: Hellen Soares das Graças – medalha, certificado e premiação de R$ 600,00
Obra: "A Saudade de Onde Pertenço"
Etec "Sales Gomes"
Diretora: Rossana de Camargo Barros
Professor contemplado pelo edital: Fernando de Jesus Costa

EXPEDIENTE

Prefeito Municipal
Professor Miguel Lopes Cardoso Júnior

Secretário de Esporte, Cultura, Turismo, Lazer e Juventude
Cassiano Sinisgalli

Secretária da Educação
Elisângela da Costa Rosa Cecílio

Diretor Executivo do Departamento de Cultura e Gestor do Museu Histórico "Paulo Setúbal"
Rogério Vianna

Comissão do Concurso
Cassiano Sinisgalli
Cristiano Guimarães de Camargo
Cristiano Rodrigues da Mota
Márcia Aparecida de Oliveira Freitas
Maria Augusta de Abreu Raggio Barbará
Rogério Donisete Leite de Almeida

Equipe do Museu "Paulo Setúbal"
Emilene Vieira Fiuza de Oliveira
Leila Maria Leite Miranda
Regiane Domingues Francisco
Rose Mary Raymundo Falchi
Tiyoko Tackeuchi

Comissão julgadora do 19º Prêmio Literário Paulo Setúbal
Contos, Crônicas e Poesias (abrangência nacional)
Gávea Empreendimentos Culturais
Mônica Taunisses Braga de Oliveira

Comissão julgadora do 18º Concurso Paulo Setúbal
Artes Visuais (abrangência municipal)
Jaime Pinheiro
Mingo Jacob
Rodrigo Vieira de Campos
Literatura (abrangência municipal)
Ary Roberto Souza Pinto
Denise Badim
Ivan Camargo

EDITORIAL

Homenagem à professora Cimira Cameron emociona a todos na cerimônia da 79ª Semana Paulo Setúbal

Uma homenagem à professora Cimira Camerón, grande incentivadora da arte e cultura tatuiana, foi realizada pelo Museu Histórico "Paulo Setúbal", pelo incentivo da professora em manter viva a memória do escritor tatuiano.

Cimira Figueiredo de Andrade Camerón, que foi uma grande incentivadora da arte e da cultura tatuiana, participando como jurada do Concurso Paulo Setúbal desde 2002. Ela foi homenageada em 2018 pelo Museu Histórico "Paulo Setúbal", devido a sua luta para manter viva a memória do escritor tatuiano. Cimira faleceu em 30 de janeiro de 2020.

"Inteligente, lúcida, perspicaz, transparente, crítica, mas também gentil, extremamente generosa, bem-humorada e engraçada, é quase impossível falar de Dona Cimira Cameron sem usar pelo menos 10 adjetivos" – assim descreveu a amiga Deise Juliana Voigt, a professora que carrega em si uma pedagogia por princípio e ainda ressalta que "estar com Cimira Cameron era aprender o tempo todo"

"Se hoje falamos em empoderamento é bom lembrar que Dona Cimira lutava por isso há muito tempo. Pelo direito de expressão, pela liberdade de poder dizer o que se pensa! Dona Cimira já nasceu empoderada! E uma pessoa assim não aceita um outro tipo de relação na vida que não seja adstringente".

Ressaltou o privilégio de ser amiga da professora e de seu companheiro Jorge Rizek, onde conversavam sobre tudo: "música, teatro, literatura, história, memória, cotidiano e, claro, Paulo Setúbal.

"Paulo Setúbal sempre permeava nossas conversas. A Dona Cimira não conhecia apenas a biografia do escritor, ela falava apropriadamente da literatura histórica e regional que ele desenvolveu e mais, ela conseguia localizar as descrições que ele fazia nos livros, nos respectivos pontos de Tatuí."

Deise ressalta que ficou emocionada ao ser convidada para participar dessa homenagem "tão apropriada e tão justa". "É preciso, sim, agradecer a administração da Prefeita Maria José Vieira de Camargo por todo cuidado que ela tem tido pela cultura, o turismo, a história e a memória de Tatuí."

E Deise ainda ressalta: "A Memória de um povo é o que há de mais valioso, e está aí Dona Cimira para ser lembrada: como professora, ela foi uma profissional respeitada; como ser humano, uma pessoa admirável; como amiga, alguém extremamente presente. A Dona Cimira sintetiza, por tudo que ela realmente representa, a palavra 'insubstituível'".

E, emocionada, finalizou felicitando Tatuí pelos seus 195 anos e desejando uma Semana Paulo Setúbal maravilhosa e "viva Dona Cimira Cameron!".

Outro grande entusiasta da Semana Paulo Setúbal que se pronunciou homenageando a professora Cimira Cameron foi Jorge Rizek, que, feliz e emocionado pela homenagem, parabenizou a Comissão Organizadora da Semana Paulo Setúbal: "Um ato nobre dos organizadores do Concurso Paulo Setúbal, do Museu 'Paulo Setúbal' e da Secretaria de Cultura".

Ainda relatou que foi nos encontros com a professora nos almoços semanais que "surgiu a ideia de reativar e recriar o Concurso Paulo Setúbal para estudantes da nossa rede de ensino. A cada ano com tema escolhido, retirado das obras de Setúbal".

"No primeiro ano, foi só redação e, depois, ampliamos para artes visuais. No ano seguinte, foi criado o Prêmio Paulo Setúbal – Contos – Crônicas – Poesias, recebendo trabalhos do Brasil todo."

Em seu discurso, apresenta o papel importante da professora. "Cimira participava atuantemente no concurso, com palestras para professores e alunos das nossas escolas, promovendo o concurso e divulgando Setúbal, como estudiosa que era e fã do nosso escritor tatuiano".

E ressaltou a satisfação do Concurso Paulo Setúbal fazer parte da Semana dedicada ao escritor: "Fico muito orgulhoso de o Concurso Paulo Setúbal ser mantido na programação da Semana Paulo Setúbal".

E finalizou agradecendo a equipe do Museu "Paulo Setúbal" e da Secretaria de Cultura em manter viva a memória de Paulo Setúbal e de nossa querida Cimira Cameron.

Maria Luísa Cameron, filha da homenageada, não esteve presente na cerimônia por motivos pessoais, mas enviou à Comissão Organizadora seu agradecimento:

"Agradeço imensamente o convite para a Semana Paulo Setúbal. O Museu sempre fez parte da minha vida, desde que eu era criança, pois comecei a tocar violoncelo aí! Sem contar as inúmeras pesquisas que fazíamos para a escola na coleção 'Barsa'. Eu e minha irmã ficamos muito honradas com a homenagem para a minha mãe!".

E descreveu: Como é de notório conhecimento, minha mãe sempre foi uma grande incentivadora da leitura e, durante todos os anos que ela participou do Prêmio Paulo Setúbal, sempre comentava sobre as redações que ela corrigia. Para ela, sempre foi um grande prazer fazer parte disso!".

E ainda ressaltou que a Semana Paulo Setúbal faz parte da cultura tatuiana ao descrever: "Talvez poucos saibam, mas eu fui vencedora da Maratona Paulo Setúbal em 1981. Tenho meu troféu aqui em casa!", e felicitou a todos com "um forte e carinhoso abraço".

Inúmeras pessoas que acompanhavam ao vivo pelo canal do Youtube do Museu "Paulo Setúbal" proferiram a Dona Cimira palavras de amor, afeto e respeito à querida professora, falecida em janeiro de 2020.

Medalha do Centenário de Publicação do Livro "Alma Cabocla", de Paulo Setúbal, é apresentada ao público

Na engalanada noite festiva em memória do escritor tatuiano, Rogério Vianna, diretor de cultura e gestor do Museu "Paulo Setúbal", apresentou a todos a Medalha do Centenário de Publicação do Livro "Alma Cabocla", de Paulo Setúbal.

Foram produzidas especialmente cem unidades, destinadas aos vencedores do concurso municipal, por mérito, seus professores, diretores e unidades escolares, que farão a salvaguarda desse momento histórico nacional, além de autoridades locais, que receberam posteriormente a recordação.

A medalha, fundida em bronze 70 (latão), cor ouro, com estojo em veludo preto, que visa salvaguardar a obra literária publicada em 1920, cuja edição de 3.000 exemplares esgotou-se em um mês e é composta de vários poemas com linguagem simples, de sua terra natal.

A obra é dividida em quatro capítulos: "Minha Terra" (10 poesias), "Moita de Rosas" (12 poesias), "Flocos de Espuma" (13 poesias) e "Sertanejas" (5 poesias).

A medalha, objeto do Jubileu do Centenário, apresenta a face com a arte elaborada pelo Departamento de Comunicação da Prefeitura de Tatuí, assinada por Alex Galvão Macedo, e exibe ramas de pteridófitos, constantes na primeira edição do livro, com a inscrição "Alma Cabocla Poesias de Paulo Setúbal".

No entorno, apresenta o Jubileu, com a frase "Medalha em Homenagem ao Centenário de Publicação do Livro 'Alma Cabocla', de Paulo Setúbal", ressaltando, ao centro, o ano de publicação e do centenário (1920-2020), e, abaixo, o descritivo "Museu Histórico 'Paulo Setúbal' - Tatuí - São Paulo - Brasil", bem como o ano do concurso 2021, ano de realização do 19º Concurso Paulo Setúbal "Literatura e Artes Visuais", de abrangência municipal.

CATEGORIA CONTO

1º lugar - Edmir Vieira Camargo
Obra: "Verde"
Santo André (SP)

O planeta evoluiu muito tecnologicamente nos milhares de anos de existência da atual civilização. Todo ele está reduzido a cidades-fortaleza, cercadas e isoladas de um ambiente hostil externo. Já não se sabe exatamente o porquê do hostil, talvez aquele vírus devastador do século 21. Mas, em todo caso, todos viviam confinados. Tudo nas cidades é sintético e artificial, produzido a partir de materiais e técnicas desenvolvidas há muito tempo. A água que se bebe e se utiliza vem através de canos de um mar distante. Ela é tratada por processos antigos que a livram do sal. Não há mais rios.

Não há propriamente pobreza, mas a sociedade está dividida entre Dirigentes e População. Os dirigentes cuidam da administração das cidades, controlam a água, a produção dos alimentos e tecidos sintéticos e o reaproveitamento de tudo. A População é formada por pessoas apáticas e sem iniciativa, divididas em classes sociais de acordo com a execução de atividades determinadas pelos Dirigentes. Assim, não se cria mais nada; novidades já não despertam curiosidade, ambição não existe. Todos se acomodaram a séculos de irresponsabilidade.

Os filhos são responsabilidade do Estado, e este direciona a educação para que cada um permaneça na divisão social que lhe coube por nascimento; crianças são mantidas somente com outras de sua classe social que lhe coube por nascimento; crianças são mantidas somente com outras de sua classe social, e têm moldada sua personalidade para que não aspirem nada fora do padrão já estabelecido. Mas curiosidade e espírito não se moldam. Os adultos até podem se conformar e aceitar certas condições de vida, mas as crianças...

Pais da classe População começam a perceber certas atitudes nos seus filhos. "Normais" até os sete ou oito anos, meninos e meninas começam estranhamente a conviver mais socialmente: conversam, riem e falam baixinho de assuntos que os adultos não conseguem ouvir. Falam a respeito de quê? Estarão conspirando?

Começam a conviver em grupo além do que é considerado normal, brincam juntos e até somem de vista por horas. E eles estão ficando com uma cor diferente, mais escura, em seus rostos, braços e pernas, como se estivessem ficando expostos ao sol! Mas isso é inconcebível: sol é prejudicial e não tem nenhum lugar na cidade onde poderia acontecer tal coisa. Os adultos ficam perplexos, mas não sabem o que fazer, que ação tomar. E também não querem perder as festas, jogos e atividades recreativas proporcionadas pelos Dirigentes e com que ocupam seus dias.

Mas o que as crianças fazem quando desaparecem?

Algumas crianças, umas 10 ou 12, pararam a brincadeira na escola e sentaram-se em círculo. Dois ou três estavam se unindo então ao grupo, recebendo informações dos demais. Se algum adulto tivesse o menor interesse em saber sobre o que falavam, procuraria chegar mais perto. Se não ouvisse, ao menos ficaria impressionado com o brilho de descoberta nos olhos dos recém-chegados. Eles estavam ouvindo maravilhas das quais queriam e iriam participar.

Quando terminaram as aulas, o grupo reuniu-se novamente. As crianças saíram juntas, mas não foram para as suas casas. Foram em direção aos muros da cidade, um ponto que não era frequentado por ninguém de nenhuma das Classes e também não era policiado. Na verdade, não existia nem polícia na forma que contavam ter existido no passado. Atualmente ninguém fazia nada fora dos padrões; era um povo acomodado em suas vidas confortáveis, onde realmente nada faltava.

Por isso, nenhum adulto viu quando as crianças começaram a afastar grandes objetos de material plástico. E ninguém viu, também, aparecer do meio do entulho um túnel que atravessava sob o muro e por onde elas passaram para atingir o "lado de fora". Quem construiu esse muro? Com que intenção e há quanto tempo? As respostas não interessavam às crianças. O atrativo do novo e do desconhecido era mais forte.

Voltaram horas mais tarde, suados, cheios de poeira, sorridentes e felizes. Iriam repetir o feito no dia seguinte e nos outros. Os adultos não perguntavam e, se perguntassem, não teriam respostas. Não era coisa para eles.

O grupo cresceu nos dias que se seguiram. Agora já eram quase cinquenta e, talvez, só por isso devesse começar a chamar a atenção de alguns adultos.

Outra coisa que nenhuma modernidade poderia subtrair totalmente dos seres humanos era o amor pelos filhos. Mesmo mudado e eliminado, em parte, pelos prazeres desse novo mundo, esse amor subsistia: uma mãe e um pai continuavam a ser mãe e pai. E para esses não preocupava a ideia de "conspiração" das crianças. Era mais preocupante a possibilidade de algum risco à saúde deles. Em razão disso, alguns casais tentaram conversar com seus filhos, mas eles desconversavam, fugiam do assunto, riam. "Está tudo bem!" diziam, "Está tudo bem!".

Dois casais mais preocupados resolveram seguir as crianças. Quase desistiram quando viram que teriam que atravessar o muro para o lado hostil. Mas criaram coragem e, mesmo assustados, foram, cuidadosamente, atrás do barulhento grupo.

Do lado de fora, esperaram que as crianças sumissem numa curva do muro e começaram a segui-las. Nenhum desses adultos tinha tido alguma aventura mais assustadora que essa. Olhavam preocupados para o horizonte inóspito, esperando que surgissem monstros ou qualquer outra coisa aterradora. Mas o som da feliz algazarra das crianças mostrava que tudo estava bem.

As crianças andaram mais um pouco até atingir o ponto do que consideravam seu tesouro. Não muito distante do muro, o inacreditável: água límpida brotando do chão, e que era absorvida adiante pelo solo seco.

Mas elas haviam começado a ampliar a vazão, abrindo valas, tirando a areia e pó do solo onde se acumularam por séculos, encontrando uma terra escura e aumentando a distância que a água podia percorrer. O pequeno riacho já tinha mais de vinte metros e estava sendo aumentado. Cavaram até um espaço mais largo, onde podiam molhar os pés e as mãos e jogar água uns nos outros. E o que mais as entusiasmava é que, ao lado da água correndo na terra recém-exposta, começaram a brotar pequenas plantas de um verde brilhante, resultado de sementes que estavam por ali ou que foram trazidas pelos ventos. Apareceu até uma flor! Nada disso existia dentro dos muros a não ser nos livros e nos equipamentos de vídeo. A natureza estava reagindo por meio das crianças e se fazendo presente nos espaços agora limpos.

Os pais se aproximaram. As crianças ficaram surpresas pela presença, mas imediatamente começaram a falar, todas ao mesmo tempo, das maravilhas que haviam encontrado. Os adultos, extasiados, olharam a água limpa e fresca, molharam com cuidado suas mãos, braços e o rosto. Era incrível! E doce!

Levantaram os olhos para o muro alto e francamente hostil da cidade que há séculos os defendiam de...? Olharam a água, que brotava continuamente de sua nascente, as plantas que nasciam prenunciando o reinício da vida.

Do que, então, tiveram medo até agora?

Essas crianças estavam fazendo a percepção do mundo deles mudar.

Mas não é isso, afinal, o que fazem as crianças?

2º lugar - Lara Nascimento Dias de Souza
Obra: "Genesis"
Fortaleza (Ceará)

No princípio reinava o caos, a anarquia, a tirania.
Diante da tamanha confusão, disse o Estado:
"Haja Território", e o mapa político foi traçado.
O Estado chamou cada Território de País.
Esse foi o primeiro dia.

E vendo o Estado que em cada País havia muitos povos com muitos costumes diferentes, resolveu criar uma Nação.

Disse o Estado: "Que, em cada País, todas as pessoas se tornem um povo só."

Então o Estado fez a língua oficial e o hino nacional.
Esse foi o segundo dia.
E o Estado disse: "Faça-se a ordem em cada Nação."
E o ordenamento jurídico foi feito. O Estado viu que a ordem era boa e chamou-a Lei.

Então o Estado disse: "Separem-se as Leis", e os códigos foram criados. No terceiro dia o Penal. No quarto dia o Tributário. No quinto dia o Civil.

E assim foi.

E vendo o Estado que o Território com uma Nação e com Leis era bom, resolveu criar um Governo. Disse o Estado: "Que governem os que controlarem a mídia", e assim fez o Lobby.

CATEGORIA CONTO

3º lugar - Lucêmio Lopes da Anunciação
Obra: "Ação de Despejo"
Canela (RS)

O oficial de justiça vestia azul. Sua forma abaulada transmitia um certo ar de severidade, o que acabaria se confirmando por causa da sua maneira truculenta de agir. Essa figura sinistra levava consigo uma ordem de despejo que, ao ser recebida por aquela comunidade clandestina, acabou gerando uma revolta generalizada.

Nos últimos meses, o autor da ação não vinha se sentindo nada bem, e, segundo ele, os moradores indesejados tinham tudo a ver com isso. Para piorar a situação desse senhor de oitenta anos, os barulhos vindos da área ocupada só aumentaram após a sua decisão de apelar para o despejo. Já os tais "inquilinos" pareciam inconformados com a ideia de deixarem o lugar que eles invadiram sorrateiramente.

É importante enfatizar que tudo teria continuado exatamente como estava antes, se os invasores tivessem sido mais discretos, sem trazer problemas para o pobre idoso. Mas não, fizeram uma bagunça tremenda, deixaram os odores podres tomar conta do ambiente, dentre outras coisas, tomando a situação insustentável a ponto de ser necessária uma atitude drástica.

A desocupação não foi fácil para nenhuma das partes. O homem se sentia desconfortável, enquanto os ocupantes ilegais apelavam para tudo, tudo mesmo. Foi um Deus nos acuda quando o local invadido começou a ser evacuado. Alguns indivíduos tentavam se agarrar ao que ainda restava da sua moradia, outros lançavam bombas que faziam estremecer os alicerces daquela habitação. Muitos se ajoelharam aos pés de um oficial de justiça impassível, cuja única preocupação era abreviar o cumprimento da sua tarefa. Ele não se importava nem um pouco com o destino dos meliantes, condenados à destruição tão logo deixassem o "lar doce lar". Nem mesmo as súplicas mais veementes eram capazes de sensibilizá-lo minimamente.

A matriarca do grupo chegou a implorar:

- Tão aconchegante essa casa que encontramos, não tira a gente daqui, por favor, nossos filhinhos nasceram nesse espaço, pelo amor de Deus, senhor oficial de justiça, deixa a gente ficar.

Mas a figura azulada não era de cair na lábia de malfeitores:

- Não converso com quem infringe a lei, tratem de cair fora já. A líder comunitária continuou argumentando:

- Doutor oficial, pelo cheiro que está chegando aqui, hoje vão servir uma bela feijoada. Ao menos espere que a gente se delicie com o próximo almoço... O Juninho, o Cléberson e a Rosa Maria adoram feijoada. E tem também o Arthur, a Lívia, o Olavo, o Beto, o Gomes, a Manuela, a Larissa, o Toninho, todos gostam desse prato. O restante da turma, apesar de não morrer de amores pelo toucinho, come mesmo assim. Tem ainda a turma da Vanessa, ali do outro lado, todos eles ávidos por degustar a linguiça, paio, carne de porco e outras delícias. Veja quantos vão deixar de comer se o senhor nos obrigar a sair agora!

Sem querer ouvir mais nada, o impiedoso oficial da lei, que tinha a seu lado o poder pleno para resolver a questão, bradou de forma contundente:

-Rua! Rua agora mesmo, bando de nojentos!

Correria, confusão, tumulto, agonia; vários invasores se machucando durante o cumprimento da lei, outros sem saber para onde corriam. E aquela figura arredondada continuava com sua ação enérgica; não haveria trégua até que um por um dos intrusos fosse embora. Depois de um grande estrondo, seguido por outros com menor intensidade, estava cumprida a ação de despejo.

Um dedo acionou o botão redondo, e os infratores – já expulsos – passaram a girar no vórtice, até serem tragados pela tubulação do esgoto sanitário.

*** Prêmio Galardão - Maria Cristina Siqueira**
Obra: "A Mulher que Fazia Chover"
Tatuí (SP)

Açucena era o seu nome. Nome de flor, sua mãe havia escolhido esse nome porque se lembrava da mocinha ingênua de um filme antigo. Açucena seria um nome de amor. E, como Açucena, ela desdobrava seu temperamento em outros nomes: Lírio da Paz, Flor de Lis, Amarílis. Flor da Imperatriz, Iris. Tantos nomes e cores para uma menina só.

Da vida só sabia de dois lugares: o lado de lá e o lado de cá. Nunca sabia qual seria a flor do dia e nem que nome teria. Os dois seguiam seus humores. Cresceu mudando de cor; era muito divertido. Não adiantava se procurar olhando no espelho, era sempre uma surpresa. Ontem amanheceu Amarílis com seu vestido estampado de amarelo, dia aberto em alegria. Voava com os passarinhos, fazia careta para os micos, sonhava sob a sombra da mangueira antiga.

Quando acordava em vermelho, corria acender o fogo, cantava alto músicas de um tempo de que só ouvira falar. Antes do tempo de outono, vinha-lhe uma dor infinita e trancava-se em casa. Ficava triste, e o céu tornava-se escuro, um grafite mais para cor de lápis preto, e o dia de céu claro virava noite na mesma hora. Era a despedida do verão.

Suas lágrimas eram as gotas de chuva escorridas na vidraça. Chorava muito, e lá vinha tempestade arrancando árvores da terra, dobrando ao meio hastes, deitando no chão as margaridas. Sem medida, desaguava céu e terra, pensava ideias esquisitas, sentia nojo quando via tanto plástico rodando no chão, pedaços de lata, guimbas de cigarro; o mundo rodava por ela como uma tremenda lata de lixo. As águas sujas vinham do lado de lá e acabavam com as flores, com a pequena horta do fundo do quintal, o bambuzal rangia num balé desordenado.

Depois, o tempo fresco, céu azul sem nuvens que parecia um cristal; gostaria de ser andorinha e voar para lugares de calor e banhar seus olhos no mar, conversar com as pessoas do lado de lá e rir com elas, rir até chorar e, daí, cairia uma chuvinha fina feito seu riso espremido de quem não tem por hábito rir.

Com os do lado de lá, aprendeu a rir por bobagem, gargalhava e vinha uma pancada de chuva que logo passava. Esquecia-se de quem era. Dançava pra lua, comia o que o mar lhe dava, parecia uma flor feliz, contava estrelas no silêncio das noites rasas. E todos a chamavam de Flor de Lis. Flutuava em um vestido de tecido fino cor de marfim. Em casa, viu chegar o inverno; encolhida contava os grãos de pipoca estourados na panela, amassava o pão, coava café, fervia o leite para a coalhada. Noites longas, tecia, tecia uma manta no vai e vem dos seus dedos finos. Longe de lá, era o lado de cá, e se esquecia de tudo, tinha dúvidas até se seu próprio nome: seria Isis? Lírio da Paz? Flor da Imperatriz?

No meio da primavera, abusava de olhar o tanto de cores que seu jardim exibia. Despregava da cadeira, olhava-se no espelho, poderosa Flor da Imperatriz. Perfumava-se de jasmim, rosas, extrato de tangerina, alfazema, manacá. Era tempo de mudar de lado, atravessar o rio. Surgiria, de repente, como que caída do céu no branco de um cartão postal. Andava sem procurar, o tempo era de passeio. Encantava-se com tudo pode que sua alma tanto queria.

Era verão; da areia, subia um calorão pelas suas pernas, sentia a sede dos cães de rua. Tinha um encontro que, mesmo que sem marcar, era marcado com um moço moreno de olhos de gato. Era só aparecer no mirante, atrás da igreja de um padre só, há muito tempo, que, não demorava muito, ele aparecia do nada antes de a noite crescer e as estrelas brotarem no céu. Agora, sim, era a plena Açucena, flor rainha de todas as cores. Olhos que brilhavam, engoliam com gosto cada primavera da vida com sabor de beijo quente. Enredava-se nos possíveis do caminho do futuro.

- Encontraria o moço?

Esperou, esperou, esperou longo tempo que não cabia nem no relógio e nem no calendário. E nada. Voltou pra casa chutando pedrinhas; pensando bem, tudo saíra errado. Perdida entre seus nomes, quem sabe, naquele dia, não teria vindo a outra flor que não a esperada?

Cansou-se de não estar cansada; sua casa não chegava nunca, sentia-se lograda pelo destino. Sufocada de calor, entre os seios, o suor escorrido, o rosto afogueado. A taça do corpo transbordante, olhos que faiscavam o brilho intenso de um azul escuro. Céu pesado, lá vinha tempestade; apressou o passo, tinha que chegar do outro lado antes das lágrimas começarem a jorrar sem controle. Mal pôs os pés em casa, desabou água. Água barrenta, enfurecida de maldição, raivosa, sem controle. Ela chorou por toda mentira que se mostrava como verdade. Sofria em algum lugar que não sabia onde. Movia-se pela casa uma pequena flor no meio da sala que conversava inconformada com sua sombra na parede. Ensopada até a alma, parecia uma geleia de seda embebida de saliva; virou pingo de vidraça, não um, mas todos os pingos de todas as águas do mundo, e cresceu lá fora até engolir tudo e todos num dilúvio.

CATEGORIA CRÔNICA

1º lugar - Jacob Blumen Goldemberg
Obra: "Sob o Sol da Toscana"
Rio de Janeiro (RJ)

ZEFFIRELLI, FRANCO

O sol da Toscana, àquela hora daquela manhã, imaginara a primavera. Era tudo o que dele se esperaria. Poderoso. Inebriante. Chianti. E iluminava a paisagem escandalosamente bela, bucólica, radiosa, cuja quietude era cortada pelo trinado dos pássaros a voejar junto às edificações em estilo do Medievo; ainda em silêncio, mas, nem por isso, deixava de ser italianamente belo.

Os dois, ao abrirem as portas da varanda debruçada sobre o vazio da colina onde se encarapitava o Albergo Antica Torre dell'Angelo Artista, e à primeira vista da cultivada Toscana, concordaram que, afinal, pensando bem, valera o sacrifício dos cinquenta e quatro degraus da escadaria daquele pequeno hotel instalado em uma edificação do século XII – eles que eram século passado, passados, mas não tanto. Ainda davam para o gasto, ainda se garantiam. A Toscana é veramente bela! E a vida também!

DE SICA, VITTORIO

A programação do dia, exaustivamente estudada ainda no Rio de Janeiro, indicava uma visita à Piazza del Duomo, após o café da manhã. Os preparativos para descer ao salão de refeições demandaram aproximadamente uma hora: a maquiagem apropriada para o programa estabelecido, o gel e o repuxo dos cabelos, duas trocas de blusa – "sapato ou tênis?" – "qual fica melhor? Mais charmoso ou mais confortável?" -, mais um repuxo dos cabelos, "Ah! Borrou um olho, um instante, tô quase pronta.", um repuxo dos cabelos – "Pronto, tô pronta, anda logo!...". Ele, no entanto, o vestir-se foi rápido; levava sempre uma só calça, algumas camisas e uma só jaqueta, tudo escolhido pela quantidade de bolsos que ofereciam os modelos à disposição no armário. Demora maior, apenas na distribuição, pensada e prática, dos mil e um utensílios pelos mil bolsos; levava tudo que poderia ser necessário para o êxito de um bom e, principalmente, seguro dia de lazer, em férias, em um lugar desconhecido.

Sim, ele era um pouco estressado: difícil relaxar hoje em dia, há que se estar alerta, sempre tem um malandro pronto para – se der mole... – passar a mão na máquina fotográfica, na carteira, na bolsa, motorista de táxi, ah!... esses são iguais em todas as partes do mundo, nunca têm troco, rodam mais que roda gigante, esse pessoal pensa que toda turista é trouxa!... Nos finalmentes, pilhas alcalinas de reserva para a máquina fotográfica no bolso da perna, cópias dos passaportes no bolso certo, dinheiro, neste aqui, bem protegido, cartões de crédito no que tem zíper, o mapa no bolso de trás, bem à mão, o guia (não podia ter comprado mais leve?!) no bolso da outra perna, a capa dos óculos no bolsinho da camisa e o caderninho de anotações e a caneta no outro, sempre à mão. Pronto! Pera aí! Um último repuxo dos cabelos (até chegar lá embaixo). Saíram. Cuidado com a chave! Não esqueceu nada?

Colesteróis e cafeínas, açúcares e gorduras – os vilões do ano inteiro – também estavam de férias, que ninguém é de ferro: na volta o doutor Roberto resolve, ele está lá pra isso mesmo! Eu já acabei. Chega, amor, depois você reclama que as calças não fecham!... Vambora!

FELLINI, FREDERICO

O trajeto, qualquer que fosse, de onde para onde, foi um percurso surreal e romanesco, alternando vielas medievais, ruas sofisticadas, palazzos renascentistas e lojas de design moderno; gelaterias, lojas de souvenirs e reproduções de época, feiras e quiosques, bares e restaurantes nas calçadas inexistentes; na rua se misturavam alegremente, na maior calma, carros particulares, táxis, caminhonetas de entregas, bicicletas e scooters com homens, mulheres, carrinhos de bebê, crianças, velhos e velhas, andando ou sentados, flanando ou apressados, jovens em algazarra e, principalmente, hordas de japoneses marchando em formação turística, todos iguais na expressão facial, nas máquinas e nos passos; ordenados grupos de obesos alemães com contraste com os espalhados e espalhafatosos brasileiros.

O grupo de turistas, organizados atrás dos guias de guarda-chuva em punho, se cruzavam e, às vezes, se misturavam, o que criava um certo congestionamento; policiais solícitos, em variados e curiosos uniformes, zelavam pela segurança e ajudavam a desenroscar os pequenos caos que se formavam; mais ainda quando chegavam as formações de escolares de pouca idade, tocados para os museus por suas diligentes professoras – vez por outra, um grito ou uma cutucada com o guarda-chuva (elas também) em algum moleque mais afoito ou distraído, porque não digitando seu celular, como a maioria.

MONICELLI, MARIO

Chegara à Piazza. Um encantamento o espaço urbano, o cenário envolvente, o calor humano e a alegria faziam pulsar aquele pedaço do Renascimento, ainda vivo. Ele achou que era o momento certo para uma grande foto (ele e mais umas duzentas pessoas). O problema era obter o bom ângulo, o enquadramento perfeito, com o Duomo como fundo e sem intrusos em sua obra de arte. Ela, impaciente, querendo comprar os ingressos, entrar, comprar um guia, alugar um áudio guide, ir à loja de souvenirs.

Concluída a configuração da máquina, pediu à mulher que se posicionasse, de costas para o Duomo, em determinado lugar, deixando espaço para que ele também coubesse na foto. Estudou bem o enquadramento, o zoom, o foco. Olhou para os lados, procurou e elegeu quem iria apertar o botão. Apostava na qualidade de sua obra, seria a melhor de todas as fotos, a capa do álbum que fariam, com certeza.

Fez sinal para um latino que, junto a outros, vendia um brinquedinho, tipo helicóptero, que jogavam para o alto, muito alto, iluminava-se e voltava, caindo quase no mesmo lugar. Ninguém comprava, apenas perturbavam a poesia da praça.

- Puede sacar uma foto de nosotros? – perguntou.

- Si, como no – se prontificou o vendedor ambulante, já lhe entregando dois brinquedinhos que ele teria que comprar; business...

Os dois foram para o local pré-determinado. Ele enlaçou-a pela cintura, enquanto, toda charmosa, ela posava com um pezinho na frente do outro. O peruano, ou boliviano, - qualquer coisa assim, - colocou sua penca de mercadorias no chão, para caprichar no clique. Afastou-se uns dois passos, deu encontrões em algumas pessoas e se preparava para bater a foto – Chize, hermano! – quando outro vendedor viu a mercadoria no chão, aproximou-se rapidamente e a levantou, olhando para os lados; o fotógrafo deu um salto em direção a ele, atracando-se com o colega, sem largar a máquina.

- É golpe! – gritou o turista, perdendo a pose e avançando também sobre os dois. – Me dá minha máquina, seu safado! – Olhares espantados, empurrões de ambos os lados, os curiosos, e, em pouco tempo, estava formada uma aglomeração e uma confusão generalizada. Puxões, gritos e tropeções entre partidários de dois lados e partidários sem saber do quê; alguns caíram, outros correram para os bares, cadeiras tombaram, uma delas voou sobre o tumulto armado.

Policiais acorreram e, com muito esforço, conseguiram separar os contendores envolvidos naquela batalha campal, que, um intelectual, bebericando seu Brunello, impassível, no bar bem próximo, definia: novamente, os Capuletos e os Montechios!... Imortal, esse William!... Muita conversa, muita gesticulação, alguns arranhões e roupas em desalinho; desculpas aqui e ali e, aos poucos, foram se esclarecendo as razões do imbróglio e a praça voltou à normalidade.

BENIGNI, ROBERTO

ACHARES: O latino fotógrafo achou que o outro estava se apoderando de sua mercadoria; o outro achou que algum colega tinha perdido ou esquecido a mercadoria no chão, pegou-a e olhava ao largo, na tentativa de encontrar o dono; o turista, sempre desconfiado, achou que era armação dos dois para se apoderarem de sua máquina fotográfica, aproveitando a confusão engendrada; a mulher achou que, além da máquina, poderia perder o marido e o resto achou que, já que estava no meio da confusão, tinha mais era que participar...

CONCLUSÃO: A Piazza del Duomo era um pedaço do Renascimento – ainda vivo.

O casal de turistas se pôs a caminhar. Ele a conduzia com o braço direito sobre seus ombros e o esquerdo confirmando a máquina a tiracolo; dos bares da praça, à sua passagem, recebiam sorrisos, alguns bravos! E outros salutes!

- A nossa máquina não perdi – dirigiu-se a ela, com orgulho na entonação.

- Mas espero que tenha perdido essa tua paranoia de achar que todo mundo quer te tomar alguma coisa. Vê se guarda esse teu estresse todo em um dos bolsos. Tem algum vago? – zombou ela, não perdendo a chance de alguma vingancinha por qualquer coisa passada.

Seguiam.

- E o Duomo? Vai ficar por isso mesmo?

- Amanhã. Voltamos numa boa... Sem a máquina, tá?

- E sem os bolsos, tá bem?

Sorriam. A vida é bela!

CATEGORIA CRÔNICA

2º Lugar - Livergídia de Souza Silva
Obra: "O Acidente"
Cambuí (MG)

O carro era muito bonito. A marca? Não se sabe. Brilhava de tão novo. Ou piscava de novo. Mineiros gostam de falar de tão novo. Vidros escuros, lataria preta luzindo ao sol das três da tarde. Lindíssimo!!! Novíssimo!!!

O motorista ostentava um belo sorriso. Quase tão belo quanto o carro. O lugar? Uma avenida. Avenida Bento Jacinto. Onde não acostumavam passar mais de cem carros por... semanas. Lugar tranquilo e sossegado. Vista deslumbrante da bela serra que permitia ser observada por mais de um ângulo. De um lado a majestosa Mantiqueira observava o cenário da avenida. Do outro, bois que pastavam devagar olhavam com curiosidade a cena. Quem sabe queriam saber o desenrolar da história ou, quem sabe, não tinham nada melhor para fazer naquele horário e sob aquele sol.

Havia uma árvore no meio da avenida. Uma boniteza de se ver. Grande, de copa bem cheia que abrigava muitas moradas de passarinho. Ainda sobrava espaço para as muitas orquídeas que lá nasciam. Havia mais, mas costumavam desaparecer na noite escura da avenida pouco movimentada. Quem sabe as orquídeas prefiram casas mais animadas à avenida silenciosa? Quem sabe o que se passa pela cabeça de orquídeas? Vê-se cada coisa neste mundão velho e sem fim!

O motorista, óculos escuros que o sol pede. Melhor dizendo, exige. Uma das mãos ao volante, a outra... Bem sabe-se lá onde estava a outra mão. Creio e quero que o motorista a possuísse. Mas vamos ao caso de uma vez, deixemos de delongas...

Havia uma árvore no meio da avenida. Até aí, tudo bem. Impossível alguém não ver uma árvore daquele tamanho. Estava ali parada desde sempre, para ser vista por todos. Mesmo os motoristas que ficam com uma das mãos no volante e a outra não se sabe onde.

Pois, é. O carro vinha correndo. Alta velocidade. Deveria estar a uns sessenta por hora ou quem sabe a velocidade fosse de setenta... Não importa. Era alta de fato. Bem alta para a tarde que pedia menos pressa e mais olhar. Deveria ser desses motoristas de cidade grande que correm tanto sem saber por que estão correndo... e buzinam. Impressionante como gostam de buzinar. Acho que se inventassem um carro que não possuísse tal acessório, com certeza, muitos desses motoristas morreriam de desespero. Daqueles motoristas que não sabem que as pequenas cidades de Minas andam devagar. Não vamos a lugar nenhum mesmo e nem queremos chegar a lugar algum. Também não vamos tirar ninguém da forca. Pressa? Deixa para lá. Vamos devagar e sempre. Mais devagar do que sempre. Mas vamos devagar.

A história... Bem...

O carro vindo em direção à cidade. Ou melhor, indo em direção ao centro da cidade. É mais ou menos a mesma coisa. A cidade é o centro. Bom, não importa. O carro estava vindo ou indo, tanto faz. A história é que conta.

O motorista com uma das mãos no volante e a outra... não se sabe onde.

Do mesmo lado da avenida, havia um carro estacionado no meio-fio. Duas rodas na rua e duas sobre a calçada, se calçada houvesse. Era um terreno vazio. O motorista deste novo carro... Não, não era novo. Era um carro velho caindo aos pedaços. Foi vermelho um dia. Não era mais. Sua cor era indefinida. Bom, motorista (também de óculos escuros que o sol pedia ou exigia), sentado no banco da frente, tirava uma soneca. Aguardava alguém que viria não se sabe de onde, nem a que horas, mas viria, a ele aguardava.

Outra coisa de cidade pequena de Minas. Podemos tirar uma soneca no carro, em uma tarde de verão. Mas tem de ser carro velho. Se for novo, alguém se encarrega de acordar o motorista e este vai perder muitas noites de sono até que o carro reapareça. Se reaparecer, diga-se. Mas não era o caso. Esse motorista poderia, tranquilamente, tirar sua soneca na tarde morna (estava sob a sombra fresca da frondosa árvore). Sem preocupações.

O outro carro que estava vindo, como disse, em alta velocidade (deveria estar, o motorista, indo salvar alguém da força), e o carro velho parado na beira da avenida. Debaixo da frondosa árvore. Cochilando. Na sombra.

De repente. Não mais que de repente, uma batida forte. O pobre motorista de carro velho acorda sobressaltado. Com um grito. Que maçada! Amassaram seu carro. E nem era tão velho assim!

O outro motorista, o da mão não se sabe onde, desceu de seu carro novíssimo, furiosíssimo e começou a praguejar para que todos ouvissem. Todos é um pouco de exagero. Só havia uma pessoa do outro lado da avenida, olhando o tempo passar... Sem pressa... Muito devagar.

Bem, o motorista do carro reluzente estava possesso.

- Olha o que você fez, infeliz! Estragou o meu carro novinho!

- Eu?? Eu estava dormindo e não estraguei nada.

- Vai ter de pagar o conserto, ou melhor, vai ter que me dar outro carro igual. Novinho em folha. Novíssimo, aliás. Igualzinho a este.

- Eu?? Eu estava dormindo. Não vi nada do que aconteceu.

- Infeliz! Estragou meu carro. Isso não vai ficar assim. Vou chamar a polícia. Você me paga, seu... seu... desnaturado!

- Mas eu estava dormindo. Não vi nada e não fiz nada.

O outro motorista já estava com o celular na mão (????), ligando para a polícia que chegou imediatamente...

Do outro lado da avenida, a pessoa, que via o tempo passar sem pressa foi chamada. Caminhou sem pressa, foi chamada. Caminhou sem pressa. Seria testemunha.

- Tem certeza de que precisa, moço? Não é melhor deixar para lá? O carro deve ter seguro. Esquece que é melhor.

- Nunca! Quero ser ressarcido do prejuízo!

A palavra RES-SAR-CI-DO foi falada separando-se as sílabas. Parecia ter força de pronunciamento, acaso esse fosse o caso no momento. Não era.

- Você é quem sabe, mas deveria deixar para lá.

- O que houve aqui? – Perguntou o policial que chegara imediatamente.

- Este infeliz estragou meu carro novinho e vai ter de pagar. Pode perguntar para esta senhora que estava aqui e presenciou tudo.

O motorista do carro luzindo de novo estava furioso. Furiosíssimo! O outro, bem, o outro ainda não estava acordado de fato.

- Moço, acho melhor não falar nada...

- Mas eu exijo que a senhora fale! Quero outro carro igual a este!

- Tem certeza que quer que eu fale?

- Absoluta!

- Muito bem, "seu" guarda. O motorista, o moço aí, vinha em seu carro novíssimo em altíssima velocidade e... (Alguns mineiros gostam de exageros para impressionar...).

- Alta velocidade, não! Eu estava a setenta por hora, apenas.

- Como eu estava dizendo, o moço estava em alta velocidade, (mesmo negado que estivesse) em uma avenida, perto de um colégio onde tem uma placa dizendo que a velocidade máxima permitida é quarenta por hora, mas deixa para lá. Ele esteva com uma das mãos no volante e a outra, não se sabia onde, mas agora sei que era no celular. Foi isso o que aconteceu. Bateu no outro carro que estava parado. Acordou o pobre moço que dormia tranquilo.

- Como se sabe que eu estava com a mão no celular? A senhora viu, por acaso? Minha mão não estava à vista de ninguém!

- Moço, eu disse para deixar para lá, mas explicarei: sei que a tecnologia está muito avançada. Avançadíssima! Até numa cidade pequena do interior de Minas. Sei disso. Entendo desse tal milagre tecnológico. Um milagre mesmo. De fato e de direito. Já vi de tudo neste mundo pós-moderno e avançado, mas celular que se materializa do nada na mão de alguém, é milagre demais até para mim, que sou bem crédula. E olha que sou crédula mesmo!

- O senhor estava dirigindo e usando o celular? Sabia que é uma inflação gravíssima? Que além de multa, perde pontos na carteira?

- Mas "seu" guarda... Essa senhora não sabe o que diz.

- Eu tanto sei que disse para deixar para lá. Agora você tem de dar outro carro para o motorista que estava dormindo tranquilamente e você o acordou. Em Minas, não se deve acordar alguém que está dormindo às três da tarde, tranquilamente, sob uma árvore tão frondosa em uma avenida pouco movimentada. É falta de humanidade.

- Onde a senhora está indo? Volte e me ajude! Estou encrencado!

- Volto nada. Você atrapalhou meu pensamento e me esqueci o que tinha de fazer. Já que esqueci, vou escrever uma crônica... Sobre um acidente... E usar muitos superlativos... (Não sei se sabem, mas há mineiros que gostam muito de superlativos).

Mineiríssimos... Mineiríssimos...

CATEGORIA CRÔNICA

3º lugar - Ozeni Pereira Lima
Obra: "De Médico e Louco, Todo Mundo tem um Pouco"
Santos (SP)

- Perdão... – exclamou o senhor baixinho de bigode grosso, sentado ao lado da moça loira, no consultório de um Clínico Geral.

- Perdão, por quê?

- Tenho certeza que a senhora não me é estranha... Estou enganado?

Ansiosa, detestava constatar, mas alguns médicos tratam seus pacientes como desocupados, uma vez que os deixam plantados na sala de espera por mais de uma hora. Não estava nem um pouco interessada na conversa do homenzinho, inconveniente, de aparência desagradável.

- Não me interessa seus enganos ou desenganos. Estou com muita pressa, meu senhor.

- Ó, não seja tão apressada, a vida deve ser tratada com diplomacia, minha senhora.

- Não sou sua senhora, meu senhor.

- Não?! Nem eu sou o seu senhor! Que mania essa de chamarmos os outros de meu senhor e minha senhora, concorda?

- Com o quê?

- Com o que eu disse.

- Não sei o que o senhor disse.

- Muito bem, eu disse que temos o hábito de chamar os outros de "meu senhor", ou de "minha senhora." De onde vem esse hábito, infeliz?!

- Meu... – fez uma pausa – não faço a menor ideia. Agora, se me dá licença, passe bem!

- Outro hábito infeliz!

- O quê?

- A senhora disse "passe bem", quando deveria dizer: "dane-se! Passe mal!"

- O senhor está sendo impertinente, não tenho tempo para conversas fiadas.

- A senhora acha que minha conversa deveria ser paga?

- Não entendi. O que o senhor falou?

- Eu perguntei se a senhora acha que devemos pagar as conversas que temos com as pessoas.

- O senhor é louco varrido!

- O que seria um louco varrido: seria um louco limpo ou um louco com uma vassoura na cabeça?!

- Santo Deus! Onde foi que eu amarrei meu burro?

- A senhora chegou aqui sozinha. Se tem um burro, deve ter deixado lá fora.

- A senhora, por favor. – Era a voz da secretária do médico que a libertava daquele martírio.

Ele a acompanhou com o olhar, seguindo seus passos, depois comentou, inclinando o corpo para a mesa da secretária.

- Que mulher esquisita, você não acha?

A secretária sabia que, se abrisse a boca, ele não a deixaria em paz. Não satisfeito, insistiu:

- Como faz calor nessa terra, não?

Ele esboçou um sorriso. Ele exclamou:

- Desculpe se a incomodo, mas... a senhora está com algum problema nas cordas vocais?

- Não senhor.

- Ah, bom! Que mania mais estranha, essa que as mulheres têm. Ficam sorrindo, o tempo todo, sem falar nada...

Ela continuou em silêncio. O homem impertinente não tinha consulta marcada. Dissera que precisava falar com o médico, assunto particular. Ela o anunciara, e o médico dissera que o deixasse esperar.

Após muitas tentativas de abordagem que o homenzinho lhe fez, a secretária não suportou a pressão e gritou histérica:

- Saia daqui! O senhor é muito inconveniente! Não quer falar seu nome! Não diz o que quer com o doutor! Saia daqui.

O médico e a cliente ouviram os berros da secretária descontrolada, foram à sala de espera.

- O que está acontecendo?

- Doutor, esse senhor é louco! Não para de me fazer perguntas idiotas; Tire-o daqui, pelo amor de Deus!

O médico se aproximou do homem que assoviava como se estivesse em um bosque e disse com tranquilidade:

- Papai, eu avisei que, se fosse para me esperar, era para ficar de bico calado. O senhor já me fez perder várias secretárias, por favor, comporta-se, sim?

Secretária e cliente arregalaram os olhos e exclamaram numa só voz:

- Seu pai?!!

O médico disse que sim com a cabeça, e o homem afirmou satisfeito:

- Não preciso mais da atenção de vocês! Meu filho vai conversar comigo, não é, filho?

O médico ficou sem graça, expressando o quanto aquele indivíduo o irritava. Minutos depois, quando a última cliente foi chamada, o pai do médico exclamou decidido:

- Agora, ninguém entra nem sai, vou fazer minhas investigações! Quero saber quem foi que roubou a língua do boi.

Retirou uma lanterna de dentro da mochila de couro, que carregava, e começou a vasculhar debaixo dos móveis.

A secretária entrou na sala do médico, pé ante pé, e disse, baixinho:

- Doutor, seu pai está se arrastando pelo chão como um réptil!

O médico levantou a cabeça e falou em tom confidencial:

- Ele não é meu pai, mas, por favor, não diga a ele que eu falei isso.

- Quem é ele, doutor?

- É meu vizinho. Cismou que sou seu filho. Coitado, já esteve internado em hospitais psiquiátricos, várias vezes.

- O que eu faço com ele?

- Se quiser que ele vá embora, finja ser esposa dele.

- Como é que é?!

- Faça o que estou falando. Sei como lidar com ele.

- Como farei isso, doutor?!

- Diga apenas que está na hora de ele fazer o supermercado. Mas, por favor, trate-o com carinho.

Ela o encontrou deitado no chão com o polegar na boca. Abaixou-se, constrangida. Lembrou-se de quando interpretou Maria de Nazaré em uma peça de teatro apresentada na igreja de seu bairro e entrou em cena:

- Meu querido, é hora de fazer o supermercado para sua mulherzinha... O homem se levantou num pulo e desapareceu.

O médico surpreendeu a secretária falando sozinha.

- Tudo bem com a senhora?

- Graças a Deus, doutor, ele foi embora! Fiz o que o senhor recomendou e deu certo!

- O que foi que eu recomendei?

- Ai, meu Deus! Vai começar tudo outra vez?!

- É brincadeira. Eu disse que ele não era meu pai para a senhora se livrar dele sem constrangimentos. Mas, de fato, ele é meu pai. Muito obrigado por ter me ajudado. A senhora foi eficientíssima!

- Perdoe-me por eu ter feito isso com seu pai, doutor, mas o senhor pediu.

- Não se preocupe. De vez em quando, papai dá uma de louco para me perturbar. É isso.

- Então, ele não é louco?!

- Não.

- Não entendi nada, doutor.

- A história é longa. Papai queria que eu fosse Psiquiatra e não Clínico Geral. Insiste que é louco para que eu fique me sentindo culpado e acabe cedendo às chantagens dele.

- Será que ele vai voltar, doutor?!

- Não, hoje provei para ele que não preciso ser Psiquiatra para lidar com os loucos.

– Doutor, seu pai é ou não é louco?

- Veja bem, sentimento gera comportamento. De tanto fingir que é louco papai acabou, de fato, ficando louco, mas tem seus momentos de lucidez. Eu continuo fingindo que ele está se fingindo de louco, entendeu?

CATEGORIA CRÔNICA

*** Prêmio Galardão - Odimar Justino Martins Proença**
Obra: "L'etat c'est moi"
Tatuí (SP)

"O Estado sou eu". A frase atribuída ao "Rei Sol", Luís XIV "o Grande", rei da França e Navarra, de 1643 a 1715, de forma completa seria: "Je suis la Loi, Je suis l'Etat; l'Etat c'est moi" (Eu sou a Lei, eu sou o Estado; o Estado sou eu!). Tal Rei tinha diversas amantes, filhos legítimos e bastardos, mas também, famoso pelo hábito de não tomar banho. Acredita-se que tenha tomado de dois a cinco banhos completos durante os seus 77 anos de vida.

Mas deixemos de lado os hábitos não higiênicos do longevo monarca. Apenas a frase nos basta.

Na biografa de Voltaire (1694/1778), a escritora inglesa e biógrafa Evelyn Beatrice Hall teria criado uma sentença para simbolizar o Direito de Livre Expressão, em uma crítica ao livro "Contrato Social" de Jean Jacques Rosseau. Essa expressão, na verdade, nunca foi dita por François Marie Arouet, que utilizava o pseudônimo de Voltaire: "Eu discordo do que você diz, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê-lo". Então, você deve me perguntar: onde as duas frases se encaixam? E eu lhe respondo: "elas não se encaixam, elas são antagônicas".

Embora o rei absolutista e filósofo iluminista tenham vivido em um período comum, os pensamentos diferem e muito. As ideias sobre as quais foram criadas resumem Poder e Liberdade.

O "Rei Sol" não se preocupou em dizer a frase "Je suis le roi (Eu sou o Rei)".

Ele afirma que Ele é a Lei e o Estado.

Num mundo de influenciadores e seguidores da opinião instantânea, fica deveras fácil repetir uma frase de Joseph Goebels (Ministro da propaganda Nazista): "Uma mentira contada mil vezes, torna-se verdade". Sobre este tema do Nazismo (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães), tenho uma pergunta aos disseminadores políticos nos meios de comunicação eletrônicos:

- Se o Nazismo era de esquerda, por que eles prendiam e mandavam para os "Campos de Concentração" os Comunistas?

Em tempos de falta de insumos, vacinas e auxílios para a população carente, chego a invejar a frase, embora seja consenso entre os historiadores que nunca tenha sido dita pela rainha Maria Antonieta, esposa de Luís XVI: "Se não têm pão, que comam brioches!", em uma alusão ao texto também não dito: "Se não têm remédio ou vacina, que tomem Cloroquina!".

Tempos difíceis "onde se mata um Vivaldi, por dia, nas quatro estações criadas pelo efeito estufa". Nega-se a ciência em prol da verdade única baseada em interesses individuais e ignorância coletiva. "É possível contar um monte de mentiras dizendo só a verdade" (propaganda da Folha de São Paulo de 1988, vencedora do Leão de Ouro de Cannes).

Luís XIV também teve seu "Homem da Máscara de Ferro" e sabemos que quanto mais tentamos negar algo, mais ele se tornar verossímil; quanto mais tentamos tirar a máscara e tudo mais que a acompanha, mas temos que justificar com subjetivismo o "mimimi" e a "gripezinha". Todo mundo vai morrer um dia, mas milhares de óbitos num período tão curto, se não é injustificável, é incompreensível que não se tenha sensibilidade para com eles. As pessoas são o Estado, não pretensões daqueles que querem deixar para a história o seu nome e o significado de sua vida, ainda que amontado numa pilha de cadáveres.

Nada é absoluto, nem a certeza da boca de quem alguém colocará a palavra. "Sapientis es mutare consilium" – "É sábio mudar de ideia" (Marco Túlio Cícero). As pandemias, as guerras, os reis, os governos, passarão, e como Humphrey Bogart no clássico "Casablanca" "Nós sempre teremos Paris (uma lembrança)" – daqueles que partiram.

"Você deve se lembrar disso (You must remember this):

Um beijo é só um beijo (A kiss is just a kiss);

Um suspiro é apenas um suspiro (A sigh is just a sigh);

As coisas fundamentais se aplicam (The fundamental things apply);

Com o passar do tempo (As time goes by);

Que ninguém pode negar (That no one can deny);

Ainda é a mesma velha história (It´s still the same old story);

Uma luta por amor e glória (A fight for love and Glory);

Um caso de fazer ou morrer (A case of do or die);

O mundo sempre receberá amantes (aqueles que amam) (The world will always welcome lovers);

Com o passar do tempo (As time goes by);

E para encerrar com uma frase bem próxima do que foi dito no filme "Casablanca", como uma saudade que ecoa "Play it again, Sam!" – Toque outra vez, Sam!"

CATEGORIA POESIA

1º lugar - Luiz Henrique Aguiar
Obra: "Ralo Abaixo"
Magé (RJ)

De vez em quando,
Somente de vez em quando,
Muito de vez em quando,
Nos intervalos de algumas dobras do dia,
Que de vez em quando represam,
A beira da janela do apartamento,
De vez em quando,
Eu deixo a xícara do meu coração transbordar.
Quente ou fria,
Café ou chá,
Ou simplesmente água, vazio e insípido,
Às vezes,
Somente às vezes,
Muito, muito às vezes,
Meu coração transborda a ponto de tudo inundar.
O vizinho debaixo reclama,
O síndico bate à porta,
Os bombeiros arrombam e entram,
Mas da janela do apartamento em frente,
Imerso e impassível,
Delicadamente e mexo a colher
E me vejo à beira do abismo,
Assistindo à xícara derramar.

A cor do líquido,
A acidez,
A viscosidade,
A saudade,
A profundidade de onde brota,
A dor que custa produzi-lo e derramá-lo,
Nem as horas estéreis no relógio
Adiantam para calcular.

Aguardo o depois,
Sempre o depois,
Próximo ou distante depois.
Não há nada a fazer.
Se chega o instante depois,
As horas voltam a gritar.

Ainda pesado,
Olhos de chuva embaçados,
Pra lá e pra cá movimento a rodo,
Torço uns panos de chão encharcados,
Esvazio meus cômodos inundados
E me vejo ralo abaixo escoar.

2º lugar - Luiz Eduardo de Carvalho
Obra: "Versos Para a Menina"
São Paulo (SP)

a menina ainda não conhece a poesia
nunca se deixou em seus versos
nunca experimentou suas carícias
nunca se mediu pelo seu metro
nunca se ecoou em suas rimas

a menina não chorou, nem riu
não meditou, não se arrebatou
nem sabe se sabe o que viu
ou se só viu o que se mostrou

e nem se desconfia dos esconderijos
das máscaras, dos artifícios
dos códigos e disfarces
dos enredos e imagens
a menina não sabe que é espelho
e que reflete o que é dentro
pressentimento, ideia ou pensamento
advertência, susto ou sentimento

sentidos que jazem sob a pele
das palavras e da gente
no pasmo que precede
sentir o que se sente

a menina ainda não sucumbiu
ao fascínio da poesia
não nadou em seu rio
não conhece a água fria
sua correnteza imperativa
ou as margens espectadoras
do leito sob a perspectiva
das chances camaleoas

a menina não traduziu a ambivalência
do absoluto nas coisas relativas
não roeu das palavras a polissemia
nem a lucidez extraiu da demência
ou a solidão dirimiu na letra alheia
ou a dor curou com o conselho do poeta
não leu o elogio para não se sentir feia
nem viu o escudo para tudo o que afeta

a menina não se entregou ao delírio
de ver coisas que ali não havia
sob efeito de alucinante colírio
que o jogo das palavras evidencia
nem suspeitou que é tudo truque
artifício, estratagema ou embuste

a menina ainda não conhece a poesia
e o poeta garante que ela nem precisa

CATEGORIA POESIA

3º lugar - Ana Luiza de Figueiredo Souza
Obra: "Noticiário das 19h"
Niterói (RJ)

Morreu, morreu.
Mas também...
Acharam jogado lá pro mato.
E foi o quê?
Tão novo...
Dois tiros.
O pai chorando.
Encontraram umas coisas nos bolsos.
Era motoboy.
Drogas, parece.
Acordava quatro da manhã.
Vai falar o delegado.
Saía de um emprego ia pra outro.
Envolvido, há provas.
Dava volta na cidade.
O pai pegou o microfone.
Lá na pizzaria.
A mãe brigando.
Foi fazer uma entrega.
O amigo com as câmeras.
Passou no meio de uma operação.
Trabalhavam juntos.
Tiro, muito tiro!
Chegava tão cansado.
Uma bala perdida.
Tempo de fazer mais nada.
A outra só de raspão.
Nada, nem bebia...
Carregam pra longe.
Tinha mulher.
Colocaram uns pacotes nos bolsos.
Grávida de sete meses.
Envolvido, achamos provas.
Largaram no mato.
O caso já foi arquivado.
Um repórter no ombro do pai.
Morador da comunidade.
Envolvimento com o tráfico.
Desde guri.
Vê se tinha jeito de vagabundo?!
Foi confirmado.
Pai, mãe e amigo deixam a delegacia.

Crime fardado.

*** Prêmio Galardão - Tiago Gonçalves Camargo**
Obra: "Uma Opereta: Brasil"
Tatuí (SP)

Ah, meu Brasil...
Enquanto olhas para dentro de ti,
Na ânsia de te tornares o mais brasileiro dos brasileiros,
Faço-me poeta e cantor,
E transformo-te na inspiração de meu libreto.
No primeiro ato, canto-te lamento
Nênia das Marias - mães sozinhas -
tirando da própria boca para dar de comer aos filhos.
Voz assustada dos que são arrastados – e, também, dos que arrastam,
se arrastam,
numa vida de exclusão.
Canto-te nos calos dos retirantes,
e no ônibus lotado dos trabalhadores.
Do batuque faço nascer a síncope;
dos cabelos crespos, brotar a flor da luta,
que iguala todas as borboletas,
numa só dignidade.
No segundo ato, canto-te misericórdia.
Kyrie, meu Brasil, pelos que te despem o manto,
verde-realeza,
com malícia.
Pelos que desafinam teus pássaros,
e desafiam tuas feras.
Perdão pelos que te desonram,
conscientes de que,
rompida a tua essência,
terão corrompida tua alma.
Piedade pelos que te socorrem na moral,
e te asfixiam na ganância.
No terceiro ato, canto-te como és.
És o perfume do café no bule,
o dorso de teu índio, curvando-se ao teu chão,
o acorde consonante da viola, na serenata do caipira que namora o luar.
És o encontro do rio e do mar,
a gargalhada do saci,
a vitória-régia que aplaude a saparia.
O berimbau,
os joelhos dobrados, no frevo e na reza;
és dos pampas o mais ensolarado!...
E quando as cortinas do quarto ato se abrirem para mim,
possa eu, além das nuvens,
ter-te,
para cantar-te eternamente,
meu Brasil.

1° lugar: Hellen Soares das Graças
Etec "Sales Gomes"
Diretora: Rossana de Camargo Barros
Professor contemplado pelo edital:
Fernando de Jesus Costa

"A Saudade de Onde Pertenço"

Poema inspirado no primeiro
capítulo do livro "Alma Cabocla"

Estou voltando ao meu lar
Com meus pés a calejar
Nossa estrada com tanto a contar
Deixo a ampla saudade me guiar

Quanto tempo eu estive fora?
Quando eu fui embora?
Nem me lembro mais
Só sei que foi tempo demais

Como eu estava com saudade
Da minha querida cidade
Tão singela e contente
De gente forte e persistente.

Vejo ali no horizonte
Crianças que brincam um monte
A minha infância aqui tive
Essa essência em mim ainda vive

Vejo ali um velhinho contente
Com seu sorriso resistente
Que perdurou por muitos momentos
Depois de muitos desalentos

A chuva a terra molhou
O cheiro de nostalgia deixou
Ouço as aves a distância
Com seu canto cheio de exuberância

As inspiradoras aves imigrantes
E suas viagens constantes
Tentei ser assim
Porém isso não é para mim

Meu vínculo com este lugar
Está por minha presença a clamar
Que me adianta este lugar deixar
E minha alma aqui ainda ficar?

Enfim cheguei ao meu lar
Onde em paz posso estar
Percebi de repente
Que passou o tempo muito lentamente.

2° lugar: Isabella Koyama
Colégio Anglo
Diretor: Luis Antônio Rossi
Professora contemplada pelo edital: Mariana Calviño

"Onde o Sol Repousa"

Entramos em uma estrada estreita, de uma terra avermelhada, que contrasta com o verde das folhas que sombreiam o caminho. Depois de pouco tempo e de muitas músicas cantadas pobremente pelo meu pai, finalmente chegamos. Atrás do simples portão amarelo, o sítio de meu avô, o qual não venho a anos, continua inalterado, como se tempo nenhum houvesse transcorrido. As mesmas paredes brancas manchadas e janelas azuis, e os mesmos braços grandes e calorosos me recebem novamente.

Assim que nos despedimos de meu pai, meu avô logo dá início às tarefas. A começar pelo cultivo de tomates, onde devíamos podar os brotos para conseguir frutos melhores na colheita. Enquanto ainda estou na metade da primeira fileira, ele já finalizou duas, e não parece se incomodar com os mosquitos que o rodeiam, nem mesmo com o sol quente queimando sua fina pele.

Quando acabamos de cuidar dos tomates, transferíamos o trabalho para o campo vazio, onde começamos a lavrar a terra para que ela possa receber a cultura da próxima estação. De canto de olho vejo meu avô com um sorriso modesto, fazendo trabalho com cuidado, enquanto se orgulha da própria eficiência. Ao perceber que já estou cansada, ele passa o braço pelos meus ombros, e com uma voz suave diz: "Você costumava fazer o trabalho com mais facilidade quando era criança". Dou uma risada leve, e com a cabeça abaixada sigo ouvindo-o contar suas velhas histórias.

Com o fim da tarde, uma brisa suave começa a nos refrescar, e com uma disposição recém-descoberta, perguntou o que mais falta realizar. Enquanto caminhamos em direção ao campo mais alto, ele me informa que essa é a tarefa mais importante do dia.

Ao chegarmos lá, ele para e apenas observa plenamente o horizonte, onde o sol repousa com a mesma serenidade. Sem precisar explicar nada, olho atentamente o cenário em que estamos. Desse ponto do sítio é possível ver todos os campos ao redor, os quais formam um gradiente de verdes e amarelos, nos circundando em um mar de morros. O sol, que desaparece lentamente, banha a paisagem com o seu calor e sua luz, e um bando de pássaros voa com leveza no céu alaranjado. Observamos o horizonte até que a última ponta do sol suma de nossas vistas e as nuvens fiquem sozinhas. E então, após alguns minutos, vovô segura a minha mão e voltamos em silêncio para o sítio.

3° lugar: Jheneffer Nataly Oliveira de Paula
Fatec "Wilson R. R. de Camargo - Extensão Etec "Sales Gomes"
Diretora: Rossana de Camargo Barros
Professora contemplada pelo edital: Renata de Fátima Nunes

"Lembranças de uma Garota do Campo"

Lentamente a luz invade minha janela
Eentão os pássaros a cantar
Mais uma bela melodia
Basta abrir meus olhos e vejo por ela
Raiou já um novo o dia
Ando em direção à cozinha
Na mesa, servindo bolo
Com leite espumoso e café fresquinho
Amorosamente encontro
Sozinha minha mãezinha

Desse sabor indescritível
Especial na boca, não esqueço

Um dia a mais está iniciando
Maravilhosamente incrível
Andando até o campo

Gentilmente o vento acariciar meus cabelos
À beira–campo vou avistando
Revejo novamente imersos no lago
O meu espírito sente um afago,
Tantos lírios d'água, sua beleza
Aos olhos transbordando!

Debaixo daquela frondosa árvore
Olho as borboletas coloridas a voar

Com elas volto a ser criança
Abraçada pelo calor do vento no
Meu balanço, a balançar!
Para minha aconchegante casa volto
O gato ainda dorme sob o fogão,

Sentia de longe impregnado no ar,
Oh, aquele cheirinho afetivo de pão
Um feliz momento, meu pai agradecido,

Desempenha uma prece a
Esta colheita, ao som da viola,

Toda família a cantarolar!
Após um longo e satisfatório dia
Tim, tim cai uma serena chuvinha
Uma delícia, amo cheiro de terra molhada
Incansável sensação de paz e calmaria

Com sua pausa, entram em cena no ar
Iluminando, pequeninas constelações
De insinuantes vagalumes
Aparecem como estrelinhas, no céu brilhar!
Depois vai surgindo o céu avermelhado
Enquanto o sol se vai, a lua aparece

Belas estrelas vão surgindo
Este é o momento de beleza e emoção
Lindo, um espetáculo para o meu coração
Aumenta mais a minha certeza que esse é o lugar, que sempre irei amar!!!

8º e 9º ano

1° lugar: Laura Valdrighi
Colégio Anglo
Diretor: Luis Antônio Rossi
Professora contemplada pelo edital: Mariana Calviño

"Um Lugar Distante"

Já se tornara costume Marcelo ir à casa do avô durante as quintas-feiras, e vez ou outra encontrava o mesmo apreciando a paisagem, mas nunca chegou a se questionar o porquê de o homem olhar o horizonte de forma tão atenta.

- Vô, - disse o menino ao se aproximar, aconchegando-se no chão ao lado da cadeira do mais velho – por que o senhor sempre fica assim? Olhando para o nada tão atento, como se procurasse alguma coisa.

O mais velho apoiou sua mão sobre os cabelos do menor, ainda sem tirar sua atenção do sol alaranjado de fim de tarde. Após alguns segundos de silêncio, Marcelo preparava para se levantar, quando foi interrompido pela voz rouca de seu avô:

- Procuro minhas memórias, em meio a tantas.

- Como assim?

O homem inclinou a cabeça para o lado, permitindo-se ver o neto, que por sua vez olhava para o horizonte confuso, como se realmente tentasse achar as memórias do avô voando juntamente aos pássaros.

- Antes de tantos prédios e concreto, muito tempo atrás, eu morava em uma cidadezinha do interior, na mesma casa onde nasci.

Gosto de me sentar aqui, onde pelo menos posso sentir um pouco do cheiro do vento, e lembrar.

- Não entendo o que você vê de tão especial, é só uma cidade menor e com mais mato. – Disse o menino, agora virando a cabeça, encontrando seus olhares.

- Não peço para que entenda, sua geração nunca vai saber o sentimento de ter terra escurecendo seus pés, a sensação de lavá-los na água fria e amanhecida dos rios. A adrenalina de escrever cartas a sua amada, esperando ser correspondido, forçando a melhor letra possível; onde o encontro mais romântico era subir sobre o muro, e assistir o gado passar, de mãos dadas.

O homem se voltou novamente a assistir o horizonte, deixando o neto ali, pensativo. Após um tempo de silêncio, o menino abaixou a cabeça e perguntou com uma voz mansa:

- Você tinha amigos, vô?

- Os melhores. – disse ele, soltando uma risada alta e retalhada – Lá ninguém abandonava ninguém, era todo mundo junto e misturado. Sinto falta das traquinices, era errado, mas invadíamos os pomares para pegar fruta, dávamos nós nas crinas do cavalo e culpávamos o Saci; o coitado sofreu em nossa mão, tudo a gente colocava culpa. – falava entre sorrisos e risadas espontâneas – O problema é quando flagravam, o dono vinha já de arma na mão e o trabalho que não era fácil, dobrava de tamanho; a gente carpia, alimentava os bichos, e ainda adubava como forma de desculpa. Nossas digitais ficavam recobertas de barro úmido e avermelhado, então o que não faltavam eram dedos pintados pelas paredes. Não tínhamos lojas de brinquedos como hoje, os brinquedos que tínhamos eram carrinhos e piões feio à mão, nunca saíam iguais os outros, e essa era a magia, as imperfeições; hoje temos fábricas que fazem todos os brinquedos iguais e sem erros, mas eram esses detalhes, essas imperfeições, que faziam deles perfeitos.

- Do jeito que você fala parece ser divertido.

- Eu "mataria" para sentir o cheiro daquele café de novo, para ouvir o doce sotaque pela sensação do vento e do cheiro de chuva acariciando-me a pele, enquanto o aroma de terra molhada vai me conquistando aos poucos.

O menino que agora se encontrava animado e curioso pergunta:

- As pessoas andavam com roupas de festa junina?

- As pessoas tinham olhares conquistadores, e calos nas mãos; mas não como representam com um estereótipo dentuço, barrigudo, com um bigode fino junto a um chapéu surrado; Não posso negar que somos um povo simples, mas não é por isso que somos um povo feio. Usam o terno "caipira" para falar de quem é mal-educado, mas já vi arigó com mais senso que muita gente por aí. A verdade é que transformaram o meu gentílico em um xingamento, enquanto civilizado se tornou um elogio; esquecem que a cidade não seria nada sem o campo, tudo aqui é de forma indireta, tudo precisou de uma matéria-prima, que veio do lugar mais desvalorizado por eles.

- Um dia você me lembra?

Disse o neto de voz empolgada, após encapar o homem sobre um abraço caloroso, que foi muito bem aceito e retribuído; com o cenário do céu arroxeado deixando o clima frio e agradável.

- Eu prometo.

8º e 9º ano

2° lugar: Maria Eduarda de Oliveira Obrelli
E. E. "Chico Pereira"
Diretor: Marco Antônio Vieira
Professora contemplada pelo edital: Tatiana Pereira Bezerra

"Vida na Roça"

O canto do gato
No romper da aurora
A terra molhada
Do sereno da madrugada

Tempo distante
Lembranças da infância
Cuidava do gado
Plantava a roça

Terra vermelha
Terra fértil
Terra boa
Terra que dá frutos

São as terras de Tatuí

3° lugar: Luiza Valdrighi
Colégio Anglo
Diretor: Luis Antônio Rossi
Professora contemplada pelo edital: Mariana Calviño

"A Nossa Mata"

A mata tem som
Os pássaros a cantar
A melodia é tão boa
Que me sinto a flutuar

A mata tem cheiro
Me recorda os melhores momentos
De quando deitava a luz da lua
Com o vento me causando o melhor sentimento

A mata tem cor
As mais belas que já vi
Elas abrem a minha mente
E me inspiram em cada poema que já escrevi

Os pássaros voam em sintonia
As flores desabrocham viçosas
As rosas com o melhor perfume
Nos passando sensações maravilhosas

A mata é nosso pulmão
Sem ela não há vida
De nós ela sempre cuidou
E por isso sou agradecida

6º e 7º ano

1° lugar: Kayk Teixeira Martins
Emef "Professora Maria Helena Machado"
Diretora: Maria Heloisa Leite de Almeida Oliveira
Professor contemplado pelo edital: Marcos Paulo Cavalheiro Del Homo

"Férias na Fazenda"

Paulo Setúbal, foi e é uma das pessoas mais importantes de Tatuí e do nosso país, mas para mim ele não foi apenas um escritor qualquer; pois ele tornou-se um imortal que vive entre nós, tatuianos, até hoje. Paulo era uma pessoa simples e humilde, nasceu na roça e perdeu seu pai muito novo e logo virou o "homem da casa".

O livro Alma Cabocla, fala sobre seu tremendo amor por Tatuí e apesar de ser uma figura literária importante jamais esqueceu de suas origens.

As férias de julho, longe dos livros, das aulas, na fazenda florida, onde moravam pessoas simples, tinham engenho e o alambique, fazendo açúcar, melado, garapa e aguardente.

Como é boa a vida no campo, na lagoa, observando os patos e juritis nadando, brincando.

Os carros de boi, que eram utilizados para puxar as canas já cortadas pelos trabalhadores do campo, atravessam as roças. Hoje em dia foram substituídos por grandes tratores e colheitadeiras.

O aroma de garapa azeda, que vinha da fermentação para fazer a aguardente, inebriava.

O anoitecer no campo é lindo, as estrelas parecem estar a um palmo de distância, e a lua, igual ao queijo curado feito nas fazendas dá até vontade de provar. Depois de jantar, as iguarias feitas pela cozinheira, aquela comida feita no fogão de lenha, hortaliças, tubérculos e frutas colhidos do quintal.

Sentar à beira da fogueira para contar causos que nos davam medo, ouvir as modas de viola tocadas pelo velho trabalhador, músicas que falam da vida, dos amores. Ao deitar, ficamos escutando ao longe o grande rio, os animais que têm a vida noturna, muitos deles nos amedrontavam, até cair no sono.

2° lugar: Gleice Pakes Lopes
Emef "Professora Maria Helena Machado"
Diretora: Maria Heloisa Leite de Almeida Oliveira
Professor contemplado pelo edital: Marcos Paulo Cavalheiro Del Homo

"Escritor Paulo Setúbal"

Paulo Setúbal nasceu em 1 de janeiro de 1893, quando ele tinha 4 anos de idade sua mãe ficou viúva e cuidou de nove filhos sozinha e como Paulo gostava muito de História sua mãe colocou-o na escola para estudar com Chico Pereira.

Todos os dias ele colocava seu terno e seu chapéu e saia a cavalo, tendo por companhia seu cachorro chamado Lord.

Depois de seis anos quando já adolescente, começou o interesse pela Literatura e pela Filosofia.

Nesse período de sua vida ele fez o curso de Direito em São Paulo, tendo concluído o curso em 1915.

Iniciou a carreira na advocacia em São Paulo e em 1918 devido à gripe espanhola, Paulo Setúbal partiu para Lages em Santa Catarina onde morava o seu irmão mais velho e lá se tornou um advogado bem-sucedido.

Mas Paulo nunca se esqueceu de sua terra natal: Tatuí.

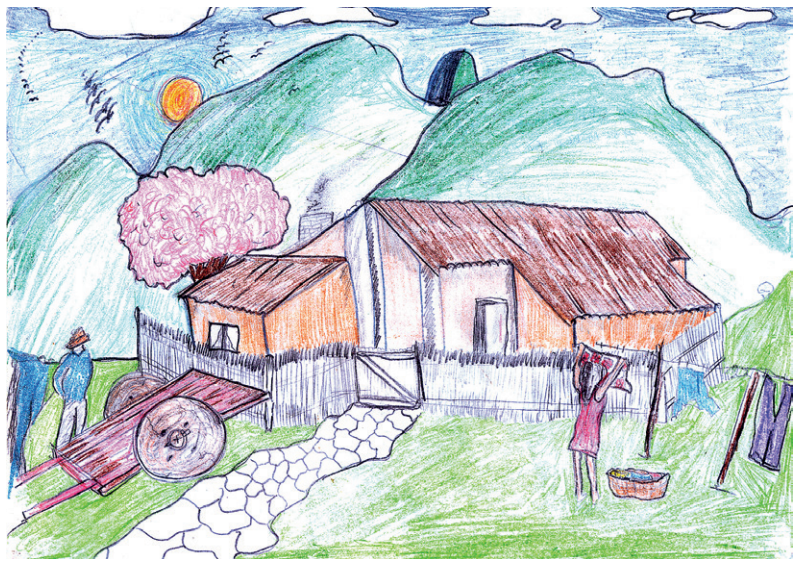
No livro Alma Cabocla, ele relata em suas poesias o amor pela sua terra, pelas fazendas, a vida no campo o enfeitiçava. Como eram boas as férias de julho, longe dos livros e estudos, onde brincava, na fazenda florida, que produzia no engenho melado, açúcar e garapa, no alambique a aguardente, sentia o cheiro de garapa azeda. A luz do sol brilhando na grama verdinha, nas flores, os patinhos brincando no lago, o som das outras aves cantando como se fossem um coral.

Atualmente Paulo Setúbal é reconhecido nacionalmente, morreu em 4 de maio de 1937, mas suas obras ficaram e ficarão imortalizadas para sempre.

3º, 4º e 5º ano

1° lugar: Pedro Henrique Freire Vieira
Emef "Professor Firmo Antônio de Camargo Del Fiol"
Diretora: Gisele Aparecida Marques Quevedo -
Professora contemplada pelo edital: Elis Regina Prestes Barbosa

2º lugar: Rayanne Carollyne Gomes Dias
Emef "Maria Eli da Silva Camargo"
Diretora: Maria Aparecida de Almeida
Professora contemplada pelo edital: Ione Takenouchi Bieco



3° lugar: Paula Couto de Aquino
Colégio Bem Me Quer
Diretora: Maria Cristina Olivier Lima França
Professora contemplada pelo edital: Déborah de Almeida Proença

1º e 2º ano

1° lugar: Alice Mendes Dias
Emef "Professor Firmo Antônio de Camargo Del Fiol"
Diretora: Gisele Aparecida Marques Quevedo
Professora contemplada pelo edital: Rosimeire de Oliveira Moraes

2° lugar: Clara Lis Prestes de Paula
Emef "Professor Firmo Antônio de Camargo Del Fiol"
Diretora: Gisele Aparecida Marques Quevedo
Professora contemplada pelo edital: Rosimeire de Oliveira Moraes

3° lugar: Nalu Pavanelli Silveira
Emef "Professora Terezinha Vieira C. Barros"
Diretora: Ana Paula Camargo Bonassoli
Professor contemplado pelo edital: Bruno L. de O. Pedroso

MEDALHA EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DE PUBLICAÇÃO DO LIVRO "ALMA CABOCLA" DE PAULO SETÚBAL
ALMA
CABOCLA
POESIAS DE
PAULO SETÚBAL
1920-2020
MUSEU HISTÓRICO
PAULO SETÚBAL
Tatuí - São Paulo - Brasil
CONCURSO 2021